



HESPAÑIA—TOLEDO.

É Toledo uma das mais antigas e famosas cidades de toda a península hespanhola; e só a origem do seu nome tem dado que fazer a muitos archeologos e esmerilhadores de etymologias, querendo até alguns que Toledo venha da voz hebraica *Toledoth*, que significa *gerações*, pelas muitas que da Asia supuzeram ter vindo povoal-a alguns seculos antes de Jesus Christo!

Está Toledo edificada sobre um cerro escalvado, cingindo-a o rio Tejo por todos os lados, menos da parte septentrional. Fica em 41 graus de latitude, demorando-lhe ao norte Madrid na distancia de doze leguas, e arredada da fresca e deleitosa Aranjuez obra de sete a oito leguas ao poente.

Teve esta cidade o titulo de imperial, que recebeu de Affonso VI quando a libertou do poder dos mouros.

Poucas povoações da Península hispanica tem tão notavelmente figurado nos fastos da sua historia. Residencia de muitos e grandes monarchas ali foi a scena de alguns dos feitos e successos que elles celebram. Em Toledo se reuniram tambem dezeseite concilios, e a sua Igreja disputa a primazia á nossa diocese archiepiscopal de Braga; os motivos em que se fundam as pretensões da Igreja toletana contra as da Igreja braccharense não podemos n'este logar expol-os, porque o espaço não nol-o permite.

Não consiste, porém, a gloria de Toledo sómente nas suas tradições politicas e religiosas. Esta cidade é um documento do esplendor a que chegaram as boas artes nas Hespanhas. Provam-o, não só o grande numero dos monumentos, que se contém no seu recinto, como a immensidade de quadros, esculpturas, e outros objectos primorosos que existem, assim nos templos, como nas galerias publicas.

Entre os edificios merece o primeiro logar a cathedral, cuja construcção primitiva parece ter começado ou findado no anno de 587, como se deprehende de uma preciosa inscripção descoberta em 1581 por D. João Baptista Perez. Só a relação do que contém este templo de architectura gothica seria objecto de um arrezoado volume. Não é comtudo a cathedral o unico templo sumptuoso de Toledo; outres ha, que se lhe cedem facilmente a preeminencia, merecem todavia ser visitados, como a igreja de S. Domingos, a igreja dos capuchinhos, a de S. João da Penitencia, e outras. O antigo alcaçar, reedificado no seculo passado, o magnifico palacio archiepiscopal, o hospital de S. João Baptista, e muitos outros edificios que poderiamos citar, não esquecendo as duas pontes soberbas lançadas sobre o Tejo, provam a alta prozapia de Toledo, e a sua antiga importancia.

Nobilitou-se igualmente esta povoação pelo trabalho industrial; eram conhecidas e mui apreciadas em toda a parte as armas fabricadas em Toledo; mas nem só armas de guerra se manufacturavam n'esta cidade, senão tambem tecidos de seda, damascos, veludos, arraz, e toda a sorte de objectos de passamaneria; e em tão larga copia que alimentavam um extenso e lucrativo commercio. Todas estas vantagens quasi inteiramente desapareceram: á sombra dos louros conquistados em outras eras Toledo tem repousado descuidosa, em quanto outras de suas irmãs trabalharam, e se enriqueceram. É de esperar, porém, que, terminada a desastrosa cadeia de dissensões civis que tem ensanguentado a visinha monarchia, Toledo (que hoje apenas encerra uns 20:000 habitantes quando ha tres seculos contava mais de 100:000) saiba reconquistar a perdida supremacia.

JOGOS, FESTAS, E ESPECTACULOS ANTIGOS.

I.

INTRODUÇÃO.

O theatro, e geralmente as outras recreações religiosas, populares e guerreiras da meia idade, tiveram quasi todas o mesmo berço. Em França, na Italia, na Hespanha, e em Portugal, se examinarmos de perto a sua origem, acharemos que foi commum em grande parte, e que elementos muito semelhantes constituíram os variados espectaculos, que em Athenas captivaram a inconstancia de uma nação volúvel, e em Roma distrahiram a perigosa ociosidade da plebe.

Nas duas sociedades, a antiga e a moderna, a imaginação pouco se afasta de certos typos, e guardadas as differenças essenciaes desenvolve-se em phases quasi identicas. O christianismo, lei espiritual e humana, procrevendo desde o começo as cruezas dos amphitheatros, e as obscenidades dos tablados mimicos, debalde lucta por longo tempo; e a final, para vencer, é obrigado a substituir por scenas devotas, e autos licitos os abusos que condemnava no paganismo.

Assim mesmo não foram poucos os que sobreviveram; e buscando a ascendencia de algumas profissões, e de alguns costumes, iremos encontral-a, aonde menos se espera, nos jogos dos circos, e nas representações dos antigos theatros, que se modificaram com os seculos, mas que apesar de gastas conservam ainda feições assás características para lhes denunciar a procedencia.

Uma breve noticia é sufficiente para o mostrar. Antes de penetrar no periodo especial, a que dedicamos este estudo, não parecerá inutil, nem sobejo, levantarmos um canto do véu, e correremos os olhos pelo passado grego e romano. A digressão, embora curta, nem por isso deixará de ser proveitosa e agradável.

Na Grecia, os cantos epicos precederam a invenção dramatica. Nas grandes solemnidades religiosas e nacionaes encontrámos os rhapsodos ou arnodes, como seculos depois veremos os menestreis, e até os jograes, nas côrtes dos principes, e nas opulentas abbadias, arremedando em grosseiro esboço mimico as acções notaveis, celebradas nos poemas.

Antes de Thespis, e da LXI olympiada já se abriam concursos poeticos, e os rhapsodos mais destros, em porfia honrosa, disputavam n'elles a palma da justa. O assumpto d'estes certames quasi sempre eram trechos escolhidos das obras de Homero, e os premios reduziam-se no principio a um cordeiro, talvez como symbolo de innocencia e de candura.

Parece, que os Homerides (assim os denominavam) não exerciam a sua arte inteiramente isentos de preceitos, e que na maneira de recitar se acompanhavam de inflexões e gestos, que lembravam de longe a declamação dramatica. Considerando-os talvez por este motivo como accessores dos poetas, Platão, no seu Tratado da Republica (Liv. II), colloca os arnodes ao lado dos chorentas e comediantes.

Fundado o theatro, e abraçando no seu progresso as principaes cidades, nem por isso os rhapsodos cedem á torrente, e se retiram. Luctam corpo a corpo com a nova arte, e para se melhorarem, sustentando o agrado dos seus cantos, roubam á scena alguns dos meios, de que ella se valia para seduzir. Na CXVI olympiada alcançam auctorisação de Demetrio Phalereu para subir á scena, e ahi represen-

tam á maneira dos actores, não só as poesias de Homero, como as de Hesiodo, Archiloco, e outros! Pouco a pouco foi-se obliterando a antiga designação de rhapsodos, e as denominações mais exactas de representantes, ou actores, substituíram-a. A palavra tinha deixado de corresponder ao facto, e a mudança do nome depressa indicou a modificação.

O oriente fiel depositario das tradições ainda hoje conserva a memoria da recitação epica acompanhada de gestos, de sons, e de trajos adequados aos assumptos e ás figuras.

No diario da sua missão á côrte da Persia (de 1807-1811) refere Mr. Sheridan, que em um soberbo festim, a que assistiu em Schiraz, appareceram, segundo o uso da terra, diversos bailarinos e menestreis. Um jogral, acabando de imitar com a bóca um repucho bastante ridiculo, saíu, e tornou a entrar na sala com as faces caiadas para figurar o demonio, que é branco na opinião dos persas. Depois declamou assim caracterisado dous ou tres fragmentos da antiga epopéa do Shah-Nameh, ajudando a voz com a acção e tons apropriados ao papel.

Naturalmente d'esta fórma é que os rhapsodos cantavam os episodios da Illiada, e da Odysséa, e que na idade media se recitavam nos banquetes dos senhores os trechos selectos das canções de *gestes*.

Mr. Magnin aprovando a conjectura, acrescenta um exemplo, que serve de a confirmar. «Existe (diz o distincto escriptor) uma Biblia manuscripta, em verso francez, dos fins do seculo XIII, na qual os passos mais interessantes da Escripura, como a historia de Joseph, e a de Moysés, salvo das aguas, estão dispostas de modo, que se prestam a passar-se da leitura ao canto, e talvez d'este para a acção. Os logares mais patheticos encontram-se no fim da pagina postos em musica, e pelas margens vêem-se rubricas, semelhantes a esta — *Judas cantando*.

«Este exemplo não é unico. Nos seculos XIII, XIV e XV acharemos bastantes obras compostas em fórma epica, como o velho conto em verso de *Aucassin e de Nicolette*, nos quaes certos lances do dialogo estão tirados com notação musical, mostrando destinarem-se ao canto, e talvez á representação por um, ou mais figurantes.»

Na India, por occasião do Ram-Lila (o anno novo), ou festa de Rama, numerosos actores representam só por accionados as scenas principaes do Ramayana, uma das grandes epopéas nacionaes, em quanto o côro dos brahmanes, do alto de uma tribuna, recita em alta voz os versos correspondentes.

Em algumas terras a festividade abrevia-se limitando-se a queimar o manequin gigantesco de Ravana entre apupos de alegria; mas em outras seguem-se os ritos á risca, e o poema é representado com rigoroso escrupulo.

No anno de 1825, o rajá de Benarés esmerou-se na pompa e solemnidade com que dirigiu as ceremonias. Gastaram-se vinte e tres dias em ler a traducção do Ramayana, que monta quasi a vinte cinco mil versos, e a cada incidente, que o permittia, os figurantes uniam o gesto á voz do côro.

O papel de Sita, esposada de Rama, e os de seus irmãos, eram desempenhados por meninos ricamente vestidos, com o rosto pintado de azul e amarello. Actores, de mascaras, representavam os personagens de Rama, do Bugio Hanoman, e outros de igual natureza. Os Rakchass, ou genios maus, assim como os gigantes viam-se representados por figuras enormes de vime com braços immensos, e semblantes espantosos. As decorações usadas não cediam em illu-

são ás dos theatros europeus; e para nada se omitir até os machanismos trabalharam em imitações e visualidades.

Estas circumstancias, notadas nos povos mais antigos, ou mais fieis ás tradições o que provam?

Nos rhapsodos gregos, não descobriremos sem esforço os verdadeiros antepassados d'esses menestres tão prezados de toda a idade media; e na sua degeneração, quando declinam do canto para a mimica theatral, será difficil achar a remota origem d'esses histriões, ou mimos que foram o recreio saboroso dos reis e nobres, que embainhando a espada, e encostando a lança voltavam a descansar em festejos e folias das fadigas de luctas quasi permanentes?

Dos passos da Escriptura e dos dialogos postos em musica, para a declamação devota, ou para a recitação profana dos jograes, aos autos e mysterios representados depois, a distancia é muito menor do que se julga, assim como os accionados figurativos das historias do antigo e novo Testamento, acompanhados de palavras, ou sem ellas, que apparecem nos espectaculos chamados *pageants* pelos inglezes, incluíram provavelmente o que os velhos diplomas designam entre nós pela denominação assás vaga e incerta de *arremedilhos*, conformes na essencia ao que os costumes immoveis da India ainda hoje conservam em uma das maiores pompas religiosas, a representação mimica do Ramayana!

II.

O exame dos usos scenicos da antiguidade ainda nos ministrará outras analogias não menos importantes.

De ordinario, para nós, a arte grega cifra-se toda no esplendor da sua poesia inimitavel, nas graças e perfeições da sua estatuaria, ainda não excedida, e nos primores tragicos e comicos das admiraveis invenções dramaticas, que immortalisam os nomes de Eschilo, de Sophocles e de Euripedes, de Aristophanes e de Menandro.

A grandeza d'estas manifestações na idade aurea da cultura hellenica deslumbra os olhos; e a magestade das representações e solemnidades religiosas e nacionaes, attrahindo toda a attenção a si desvia-a dos jogos mais humildes e obscuros, com que o povo se distrahia, e que os opulentos não desprezavam quando queriam duplicar o recreio dos convivas nos seus banquetes e festejos.

Se as Barons e Talmás foram herdeiros e successores naturaes dos actores de Athenas, e dos Roscius de Roma, os jograes e histriões da idade media podiam, talvez com igual direito, ligar tambem as suas habilidades ás de typos quasi identicos, applaudidos com fervor nas praças ou nas salas cheias de ruido, donde se apinhava a plebe, ou se inebriavam de delicias os poderosos!

Em todos os tempos os homens são os mesmos. Variam as exterioridades, modificam-se mais ou menos profundamente as idéas e os costumes, as civilisações exercem a sua influencia irresistivel; mas no fundo o coração humano, se o souberem interrogar, responderá sempre do mesmo modo; e o que mais novo, e mais distante se julgar das antigas epochas, arrancado o involucro moderno, patenteará logo a remota origem.

Os gregos não se limitavam só ás dansas e aos cantos serios. Amigos da variedade, e voluveis como a borboleta, o seu gosto fino e inconstante desejava apurar-se muitas vezes com o picante dos estímulos.

Os bailados, que as operas dos athenienses de Paris nos offercem como flores de cada estação dramatica, como phantasias unicas da sua caprichosa e desvairada imaginação, eram conhecidos da cidade de Minerva, e até o proprio Aristophanes não duvida introduzil-os nas combinações das suas peças, para engrossar a risada ás zombarias.

Os córos de rãs, de vespas, e de passaros, que o auctor da comedia das Nuvens apresentou no theatro de Baccho pouco teriam que invejar á republica dos vegetaes, e ao reino dos peixes, de que se ornaram certas magicas modernas, mais dignas de lastima, que de censura, porque estão abaixo d'ella!

A differença entre o passado e a actualidade é só que Aristophanes foi um grande mestre, e que os parodistas, por fortuna d'elles, acabarão anonymos!

Os gregos possuiram dansas comicas, com que satyrisavam os aleijões physicos, e os vicios moraes, escarnecendo-os sob o véu diaphano de parodias, em que figuravam os animaes como actores.

A do *grou*, por exemplo, de que trata Pollux, (Liv. IV, cap. 14) e que os nomencladores confundiram sempre com a dansa dedalia, imitando as evoluções com que estas aves nescias em bandos numerosos seguem uma, que as precede, não levaria em vista castigar por uma allusão espirituosa a estúpida servidão do vulgo a influencias pouco dignas de o captivar?

Havia mais a dansa dos *abutres*, executada sobre andas, a da *coruja*, e a do *mocho*; mas quem penetrou em Aristophanes o sentido dos córos de animaes, de que entreteceu algumas das suas obras, parece-nos que acceitará a idéa, de que os nomes, e as figuras de certo encobriam a allegoria satyrica, aliás justificada pela indole dos espectadores.

A dansa da *raposa*, de que em França houve uma procissão com o mesmo titulo no tempo de Philippe Bello, e a do *leão* entravam igualmente no quadro da choreographia popular da Grecia. É a razão por que o poeta Magnés baptisou tres peças com as designações exóticas de comedia das rãs, comedia das aves, e comedia dos mosquitos, sem causar admiração, nem espanto. Ha muito que se estava affeito a estas allusões malignas.

Depois de contrafazer os animaes, os inventores das dansas deram um passo adiante, e passaram a imitar os homens. Dos bailados das *corujas* e *mochos* fizeram sem custo a transição para a representação dos satyros, pans, cyclopes e centauros!

E por tal modo era violenta a execução d'esta ultima, que se dansava ao som do canto, composto por Lasus de Hermione, no meio de vasos e mezas, que Luciano (De Saltatione, cap. 48) affirma que de proposito se deixou cair em desuso, não a figurando senão os camponeses.

Julgaes que estes ensaios ainda rudes de imitação comica eram desempenhados por actores mudos, e que o leão, o abestruz, o macaco, e a grou limitavam os seus exercicios a saltos e posições ridiculas? Não.

As dansas, que notamos, foram acompanhadas de palavras; a raposa e o mocho das farças choreographicas fallavam a lingua do fabulario de Esopo. O apologo em acção dialogava como o apologo escripto; e o drama satyrico, um dos tres generos capitales do theatro grego, d'ahi procedeu.

A dansa, meio lasciva meio burlesca, usada nas festas de Ceres e Baccho durante as ceifas e as vindimas; os pans de pés cabrums, os satyros de cabeça e barbas de bode, e as variedades numerosas de bacchantes, que entravam nos córos phallicos e diony-

siacos, executavam os bailados joviaes e fogosos, comprehendidos debaixo da denominação geral de *Sicinis*.

Thespis, e seus successores, quando converteram os coros dithyrambicos em coros tragicos desterraram os pans e os satyros para as festas bucolicas; mas os devotos de Baccho mostraram-se tão saudosos pelas divindades capripedes, que não houve remedio senão tornal-as a naturalisar, quebrando-lhes o exilio.

Um dos contemporaneos de Eschylo Práctinas encarregou-se da restauração, e cousa rara venceu a difficuldade sem se indispor com os dous partidos!

Para satisfação commum resolveu-se que depois de representadas as tragedias subisse á scena uma peça mais pequena em que os silenos, os pans, e os satyros, formando o côro, tomavam campo á vontade para as suas travessuras.

Assim terminou o notavel pleito, ficando a musa tragica de posse das honras maximas, e conservando a *Sicinis* o seu logar disputado; como na comedia veremos a *Cordace* manter o seu posto depois de ter dado origem á festiva Thalia, tão applaudida dos maliciosos athenienses.

A imitação dos animaes era o modo disfarçado de provocar o riso sem escarnecer directamente da dignidade humana. A dansa *cordace* foi o terceiro passo da satyra, que fazendo-se mais audaz, já se atreve a contrafazer os homens, ridiculisando as figuras que se prestavam ao escarneo pelos seus vicios, ou deformidades.

As cabeças calvas, as faces assopradas e rubicundas, os ventres obesos e as pernas delgadas, eram os typos representados de preferencia n'estas farças mimicas, que não perdoavam a nenhum defeito, idealizando assim a figura brutescas dos silenos, e depois a voracidade dos parasitas.

O escravo ebrio, e a velha tonta de vinho, antes de Phrynicus os introduzir nas suas peças, já desafiavam o riso dos espectadores nos movimentos da mimica satyrica.

Como as quedas repetidas serviam de excitantes á alegria da plebe, quiz-se por todos os meios esgotar a veia. O jogo do odre, d'onde veio o nome de *Ascolias* a certas festas de Baccho, celebradas nas aldeias, era a diversão mimosa dos camponeses. Quem se sustentava mais tempo sobre a pelle entumecida e untada de azeite, recebia em premio o odre cheio, e proclamava-se vencedor.

N'estes dias os aldeãos moços com as faces unguidas de fezes de vinho trepavam aos carros, e de lá choviam os motejos e as chufas sobre os ouvintes, juntando ás vezes os mais maliciosos aos seus repentes a recitação de diatribes em verso contra cidadãos conhecidos.

Do uso continuo de semelhantes folguedos depressa nasceu uma arte; e as carretas, que passeavam de uma villa para outra, tornaram famosas estas jogralidades ruraes.

Na LIII olympiada um dos burgos da Icaria prometteu recompensas ao auctor da follia mais digna de applauso, chamando-lhe comedia. Houve competidores; e Susarion, sobresaindo, mereceu a cesta de figos, e a amphora de vinho destinadas ao concorrente mais feliz.

Comparando os bailados antigos, e as scenas burlescas dos carros dos habitantes da Icaria com as primeiras tentativas da arte dramatica na meia idade, quem negará a estreita intimidade que parece existir entre ellas e os momos e chacotas, que os nossos

maiores empregavam a miudo para celebrar quaesquer successos auspiciosos?

As dansas que saíam a receber os monarchas portuguezes á entrada das terras, ou que iam no acompanhamento das procissões e prestitos de gala, se não foram exactamente as mesmas, que applaudia o povo de Athenas, eram comtudo autos mimicos, com allusões directas ao regosijo que as occupava, e unindo algumas vezes tambem a palavra ao accionado, como nos festejos feitos no reinado de D. João II por occasião do casamento de seu filho, o principe D. Affonso.

Quer viessem como tradições dos antigos usos, e atravessassem as idades para chegar desfiguradas aos seculos XIII, XIV e XV, quer fossem apenas uma simples transplantação dos costumes de outras nações modernas (como parece mais natural) é certo, que desde a epocha venturosa de D. João I achámos vestigios sensiveis d'estas recreações, estimadas em Roma e Athenas, e que provavelmente resistiriam melhor á invasão dos barbaros, e ás trevas da decadencia, do que as musas delicadas da Tragedia e da Comedia.

Não anticipemos, porém. Ha ainda outras circumstancias a apontar, crédoras de attenção.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

APONTAMENTOS ESTATISTICOS.

(LISBOA — SECULO XVI).

II.

Não sei até que ponto possa crer-se que os inqueritos e trabalhos estatisticos coincidem com um certo grau de prosperidade publica, ou com uma certa propensão do governo do estado para as reformas administrativas e sociaes. Entre nós — que eu saiba — deu-se aquella coincidencia em mais de um reinado.

Não me propondo, porém, n'estes apontamentos, coordenar noticias para um esboço historico da estatistica em Portugal, posso pretermittir as *inquirições geraes*, que em 1220 e 1258 foram o cadastro, o grande inventario do patrimonio nacional, trabalho importantissimo, por que D. Affonso II e D. Affonso III intentaram extirpar os abusos, que se haviam introduzido na administração da fazenda publica.

De D. Fernando li eu algures, que não publicára a sua famosa lei das sesmarias, senão depois de mandar proceder a um inquerito, em que se computaram as terras de semeadura, que havia no reino, grandissima parte das quaes se achou que estavam em mato bravo e devolutas.

Podia mencionar, com relação a outros reinados, iniciativas de grande alcance, de character administrativo e estatistico, que revelam o talento economico dos monarchas, a que são attribuidas. Mas n'estes apontamentos, a que, talvez, um dia terei de dar maiores proporções, para signalar bem as pessoas que em Portugal têm feito serviço ou desserviço á estatistica, não devo distrahir-me muito do meu intento principal, que é escrever algumas palavras acerca da população de Lisboa no seculo XVI.

Varios escriptores fixam n'este seculo o periodo do florecimento commercial do paiz. Manifestára-se então uma tendencia muito pronunciada para as inves-

tigações numericas (1), e a ella se deve o recenseamento geral da população, que chegou a effectuar-se em cinco provincias do reino, e que ainda hoje póde consultar-se na Torre do Tombo.

Não estou convencido, todavia, de que houvesse entre nós durante o seculo XVI verdadeira prosperidade nacional, porque essa não se concebe que exista sem adequada direcção do trabalho do povo, sem o exercicio e aperfeiçoamento das industrias, que o mantêm e enriquecem, facilitando-lhe as condições da vida e os meios de cumprir os deveres e encargos sociaes, e, finalmente, sem amplissima liberdade e segurança pessoal, que deve ser o alvo constante da solicitude e boa vontade, tanto dos que sabem governar bem, como dos que não sabem menos ser bem governados.

Ora, parece-me que n'aquelle periodo abundam os factos negativos d'uma prosperidade crescente, e os symptomas inequívocos d'uma decadencia rapida e inevitavel.

A par das especiarias e preciosidades, que as nossas naus traziam das conquistas, a inhabilidade da nossa agricultura era tanta, e as esterilidades das colheitas tão ordinarias; vinham tão frequentes visitarnos as fomes, e, como se este terrivel açoute do céu não bastasse, era tamanho o desatino com que o governo deixava, e a povoação, a flôr da povoação portugueza ia morrer em Asia e Africa, ora submersa pelas procellas, ora colhida por multidão immensa de barbaros, ora albergada em (2) hospitaes, onde nem a administração nem a medicina podiam ou sabiam fazer o seu officio; ora arrastando-se por essas fortalezas inuteis e dispendiosas, onde a miseria abatia e dizimava os nossos soldados; eram tantas as larguezas e desperdicios, tão voraz a (3) agiotagem, a que por aquelles tempos chamaram *os cambios*, e que então como em nossos dias, como sempre, como em toda a parte, ha de ser um cancro roedor da fazenda publica; ia crescendo e recrudesendo tanto a intolerancia religiosa, e perseguindo tanta gente activa e illustrada; eram, digo, tão poderosas as causas destructivas da população e, consequentemente, da riqueza, que póde dizer-se que não havia — já no reinado de D. Manuel e D. João III — ouropel bastante para occultar um grande e incessante trabalho de dissolução, que minava o corpo do estado, e cujas funestas consequencias foram, pouco depois, o perdimento da nacionalidade portugueza.

Entretanto estabeleçamos um ponto de partida, para avaliarmos o numero de habitantes de Lisboa.

O academico J. J. Soares de Barros affirma (4) que esta cidade, em 1417, contava 63:750 habitantes. Comparados com o numero de 18 mil visinhos, ou 100 mil pessoas calculado por Christovão Rodrigues

(1) C. R. 30 dezembro 1512. Alv. 17 julho 1527. Alv. 12, e Off. 23 maio 1530. C. R. 18 maio 1537, e outros diplomas. — J. P. Ribeiro. Add. á Synop.

(2) Dous mil era o numero de soldados, que ordinariamente o governo mandava para a India todos os annos. Transportavam-os tres naus. Chegavam a morrer em cada nau, durante a viagem, 300 e mais pessoas. No hospital a mortalidade d'esta pobre gente subia ás vezes a mais de 600. De inverno não era raro ver, lá nas conquistas, os soldados mendigando pelas ruas e portarias dos conventos. — V. Seld. Prat. de D. do Couto, e Not. de Port. de M. S. de Faria.

(3) D. João III nas côrtes de Almeirim (1514) rogou aos procuradores das cidades e villas, que em nome do povo miudo o quizessem servir com 200 mil cruzados. Um dos fundamentos do pedido era o deverem-se em Flandres e nas feiras de Castella 1.946:000 cruzados, que iam correndo a cambio a tão altos preços, que segundo diz Fr. Luiz de Sousa que se colligia d'uma carta do Feitor de Frandes, se dobrava o dinheiro em 4 annos. — Ann. de D. João III. Mem. e Doc. public. por A. Herculano.

(4) Mem. Econ. da A. R. das Scienc. T. 1.

de Oliveira com relação ao anno de 1551, resulta uma differença tão pequena, que a população, se em rigor não póde dizer-se que se conservára estacionaria, não duplicaria em menos de 2¹/₂ seculos, a serem constantes e igualmente activas as causas do retardamento, que noto. E não deve isto fazer estranheza a quem sabe quanto foram frequentes as pestes e as fomes no seculo XVI, e como, principalmente as ultimas, desfalcam as povoações.

As vagas que o flagello da guerra e da peste abre nos registos civis preenche-as o numero proporcionalmente maior de casamentos prolificos, que se lhe segue; mas a depressão physica, o retrogradamento, a degeneração moral, produzidos já pelas fomes periodicas, já pela falta constante da alimentação necessaria, a que uma agricultura inepta não póde acudir; são menos sanaveis, e de consequencias muito mais graves, porque esta calamidade tem um poder de destruição incomparavelmente mais energico e duradouro do que nenhuma outra. Entre as causas, que limitam o numero e a actividade util das pessoas, e contrariam directa e poderosamente o desenvolvimento physico e moral das populações, não ha nem uma que acanhe tanto as superiores faculdades do homem, e que seja tão propria para impressionar de terrores a intelligencia e a imaginação d'um povo.

Podia dar aqui noticia de mais de uma fome horrosa, mas bastará a descripção, que Fr. Luiz de Sousa faz da de 1522, onde estão tanto ao vivo retratadas as feições d'este flagello, que o leitor ha de agradecer-me as proprias palavras do inimitavel chronista: «(1) Os pobres acudião todos a Lisboa arrastando consigo suas tristes familias, persuadidos da força da necessidade, que poderião achar remedio, onde estavam o rey e os grandes. Mas acontecião casos lastimosos: Muytos cahião e ficavão mortos, e sem sepultura pollos caminhos, de fracos e desalentados. Os que chegavão a Lisboa pareciam desenterrados, pallidos nos semblantes, debiles e sem força nos membros. Dinheiro não o aceitavão de esmola, porque não achavão que comprar com elle. Só pão queriam: e este não havia quem o desse.»

Na presença de causas tão destruidoras da vida, e a bem dizer, tão constantes, não podia a população de Lisboa, e em geral a do reino, crescer até o numero que imaginaram os admiradores do seculo XVI.

Vejâmos, porém, na sua totalidade os numeros relativos a esta cidade, e depois da exposição d'elles por parochias conheceremos o seu valor estatistico.

(Continúa.)

JOÃO MARIA NOGUEIRA.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA VII.

IGREJA DE SANTO ANTONIO. SERMÃO DE FR. JOÃO JACINTO. CONVENTO DA CARTUXA.

13 de junho de 1787.

Dormi melhor do que esperava; o santo foi propicio; alta noute entibiou o ardor de seus devotos e as chammas de suas fogueiras um chuvisco vernal, que rumorejava agradavelmente esta manhã por entre as parreiras do meu quintal. As nuvens dispersaram-se pelas oito horas, e ás nove quando eu subia as escadas do adro da nova igreja, edificada no

(1) Ann. de D. João III.

proprio local da casa em que Santo Antonio nascera, resplandecia o sol com todo o seu brilho.

Não te posso dizer bem se este edificio me recordou o magnifico santuario de Padua, que ha cinco annos n'este mesmo dia fez na minha imaginação uma impressão tão viva. Aqui não ha constellações de alampadas aureas suspensas do forro lavrado da mysteriosa abobada em lustrosas correntes, nem arcarias de alabastro, nem marmores esculpidos. A igreja estriba-se em duas fieiras de pilastras, de cantaria bem lavrada, mas de mesquinhas proporções. Sobre o altar-mór, onde estava a venerada imagem no meio de brilhantes luzes, avultava um docel de veludo bordado. Esta armação com ricas franjas e borlas marca o lugar onde foi o quarto do santo; e recebe uma suave claridade de uma serie de janellas altas com suas guarnições de douradura burnida.

Muitas caras largas sobresaíam petulantes d'entre a turba do vulgo profano no portal do templo; e todos dirigiam os olhos para o seu entusiastico patricio; mas não era para ser mirado assim o seu si-sudo semblante.

A cerimonia foi extremamente pomposa. Um prelado da primeira jerarchia officiaava com um troço consideravel de padres da real capella ao som de buliçosas contradansas e minuets, mais proprias para excitar uma dança de patuscos na copa dos banhos thermaes do que para dirigir os movimentos de um pontifice e seus assistentes.

Depois de muita musica mediocre, vocal e instrumental, executada a galope no mais rapido alegre, subiu ao pulpito Fr. João Jacinto, famoso prégador, elevou as mãos e os olhos, e despediu uma torrente de phrases sonoras em louvor de Santo Antonio. O que não daria eu por uma tal voz! Alcançaria de uns aos outros confins da terra de Israel!

O padre indubitavelmente era dotado de grande vigor de elocução, e não tinha aquelle accento nasal, lamentoso e hypocrita, tão commum na recita dos sermões dos frades. Tratou os reis, tetrarchas e conquistadores com indizível desprezo, reduziu a pó os seus palacios e fortalezas, os seus exercitos a formigas, as suas vestes imperiaes a teias d'aranha, e incutiou em todo o auditorio, excepto os maliciosos heresges da porta, perfeita convicção da superioridade de Santo Antonio sobre todos aquelles objectos de uma erronea e impia admiração.

«Felizes (exclamou o prégador) eram esses tempos gothicos, falsamente denominados tempos de barbarie e ignorancia, em que os corações dos homens, não corrompidos pela allucinadora bebida da philosophia, se abriam ás palavras de verdade que manavam, como o mel, das bocas dos santos e confesores, taes como as que distillavam os labios de Antonio.

«O espirito do Altissimo baixou sobre elle quando concebeu a sublime intenção de penetrar nas mais turbulentas partes da Europa, desafiando a inclemencia das estações e a malicia dos homens, e espalhando entre nações sem lei as sementes da graça e do arrependimento.

«Ali está, meus irmãos, a porta por onde elle saíu. Não o vedes vestido como menino do coro, sorrindo com todas as graças da innocencia, e distribuindo com suas mãos infantis a um grupo de esqualidos rapazinhos a porção de alimento, que acabava de receber de sua mãe?

«Antonio, desde a primeira aurora de sua existencia, viveu para os outros e não para si. Desprezou até o excesso da meditação, e em vez de se reti-

rar a uma cella pacifica lançou-se no mundo, desajudado e desprotegido, alçando o estandarte da cruz em meio de perigos e tumulto, apaziguando discórdias tanto publicas como domesticas, exhortando com risco de sua vida os assassinos e salteadores a fazerem restituções, e os avaros armados, que guardam seus cofres com espadas sanguinosas, a abrirem seus corações e suas mãos ás minguas da viuva e do orphão.—

«Antonio sempre poz a mira na corôa do martyrio, e muito tempo nutriu o ardente desejo de passar a Marrocos, e expor-se á furia do seu fanatico e cruel monarcha; mas a obediencia aos superiores o deteve no momento do embarque; fez sacrificio até d'esta mui louvavel e gloriosa ambição; atravessa a Hespanha, vae a Assis, abraça a rigida ordem do grande S. Francisco, e continúa até os seus derradeiros momentos a ministrar consolação aos desamparados, fortalecendo as suas esperanças no céu, e confirmando a fé dos vacillantes por uma serie de prodigios. Os mortos resuscitavam, os enfermos sa-ravam, o mar abonancava a um aceno de Santo Antonio; até as ordens mais inferiores na escala da criação eram attrahidas por sua eloquencia sobrehumana e davam mostras de sensibilidade; os peixes nadavam em cardumes para ouvir a palavra de Deus; e para convencer os obstinados e aquelles maldictos, cujos corações as falsas razões mundanas tinham endurecido, as mulas e os animaes ainda os mais recalcitrantes ajoelhavam quando Antonio elevava nas mãos a hostia consagrada, e reconheciam a presença da divindade.»

Acabado o sermão, começaram a chiar novamente as rebecas com redobrado vigor, e eu aborrecido de tão intempestiva leveza, retirei-me agastado para casa. Esta tenue nuvem de enfadamento dissipou-se em breve pela amavel presença do bom prior de Aviz, como o qual não existe talvez no mundo um caracter mais benigno e evangelico, que glorifique Deus com menos ostentação, e tenha uma benevolencia mais sincera para com o proximo. Este excellente prelado tinha gasto a manhã, não em assistir a ceremonias pomposas, mas em consolar os enfermos, e remediar os indigentes, subindo aos seus miseraveis aposentos a ministrar soccorros em louvor do santo, cuja festa se celebrava, e cuja reputação da pratica de toda a casta de actos de caridade se tem transmittido de paes a filhos entre os habitantes da cidade por uma longa serie de gerações.

A nossa conversação não foi de natureza tal que me inclinasse a abandonar pompas e vaidades. Hesitei se veria a procissão que se esperava que passasse pelas principaes ruas da cidade, e acompanhado do meu reverendissimo amigo fui gosar da serenidade da tarde na praia de Belem. Fiz alto ao passar pelo palacio de Marialva, e levamos connosco D. Pedro e o seu aio, o velho abbade, que propoz uma visita ao convento da Cartuxa de Laveiras.

Em meia hora quasi estavamos sentados á vista da igreja, que faz frente para os jardins e quinta real de Caxias; fomos introduzidos n'um vasto e silencioso quadrangulo; alguns espectros d'aquella ordem monachal se escoam pelos claustros, que se ramificam d'este pateo. No meio ha uma fonte de marmore, sombreada por pyramides de buxo tosqueado, e em redor sete ou oito pequenas capellas, uma das quaes contém a imagem incarnada do Salvador na mais tremenda agonia de sua Paixão, a qual se figura coberta de contusões e sangue coalhado.

Quando nos occupavamos a examinar esta imagem

tão propria, alguns monges por ordem do seu superior se juntaram ao pé de nós; um d'elles, interessante e bem apessoado, attraheu a minha attenção pela profunda melancolia retratada nas suas feições. Tendo-me informado, soube que apenas contava vinte e dous annos de idade, que era de illustre ascendencia, e dotado de viveza e talento; mas a causa immediata de ter procurado esta morada de quietação e de austeridades repugnava ao grão-prior o communicar-a.

Não pude deixar de observar, tendo diante de mim a victima novel, e contemplando a luz vespertina que coava pelas arcadas do quadrangulo, quantos occasos do sol verosimilmente elle teria de ver desperdiçar seus luzeiros sobre estas paredes, e quão enfadosa serie de annos essa a que se sacrificou, consumida com toda a probabilidade dentro d'este recinto. Os olhos do bondoso prior humedeçeram-se de lagrimas, Verdeil estremeceu de horror, e o abade, olvidando o supersticioso papel que geralmente representa nos logares santificados, prorompeu em vehementes exclamações contra a tolerancia de sacrificios humanos, e de permittir que renunciem o mundo mancebos ainda incapazes de fazerem devida apreciação de suas maguas ou vantagens. Quanto a D. Pedro a sua compleição melancolica recebeu um supplemento de tristeza á vista dos objectos que o rodeavam. O vento frio que soprava de uma casa de abobada, onde os padres se enterram, e cujo pavimento dá um som cavo quando se anda, lhe incutiu terror. Era a primeira vez que entrava n'um convento cartuxo, e, com admiração minha, mostrava ignorar as austeridades da ordem.

Tinha-se posto o sol antes de voltarmos á nossa carruagem, e na conversação em todo o caminho até casa ressumbravam as impressões que nos inspirára a scena que presenciámos.

(Continúa.)

TELEGRAPHOS.

A descoberta do telegrapho francez produziu vivissima sensação na Europa. Adoptaram-no Italia e Hespanha. Mas nos paizes septentrionaes como as nevoas proprias d'esses climas fazem difficilmente visiveis os signaes alongados, preferiram os postigos moveis, cujas combinações pela sua muita variedade proporcionam uma multidão de signaes. O proprio Chappe tinha por algum tempo empregado esse mesmo mechanismo, e os telegraphos de Inglaterra e Suecia são construidos segundo elle.

A descoberta franceza diffundi-se mais lentamente pela Allemanha. Bergstrasser retalhou, mutilou o telegrapho francez, e fez d'elle uma machina informe, que não pôde nunca ser empregada. Esquadrinhava todas as razões possiveis para enganar os seus compatriotas ácerca do merito da invenção franceza, e por vezes acertava com argumentos singulares, dizendo em uma obra dedicada ao imperador Francisco II: «Penso que os francezes não empregam o seu telegrapho senão para intentos politicos: servem-se d'elle para divertir os parisienses que com os olhos fixos incessantemente sobre a machina, dizem: *Anda, não anda.* É uma aberta de que se aproveitam para desviar a attenção da Europa, e chegar insensivelmente aos seus fins.» A Allemanha não fez conta de razões tão convincentes, porque o telegrapho de Chappe é o unico aparelho aereo, que hoje funciona nos seus estados.

O telegrapho aereo esteve a ponto de installar-se na Turquia. O embaixador ottomano requisitou ao governo francez por parte do seu soberano um modelo de telegrapho. Remetteram-se os apparatus; mas ninguem em Constantinopla conseguiu fazel-os trabalhar.

A descoberta de Chappe deparou no Egypto mais serio acolhimento: a linha telegraphica creada por Mehemet-Ali funciona ali muito bem: as noticias do Cairo recebem-se em Alexandria em 40 minutos por meio de 19 estações.

A telegraphia encontrou mais difficuldades na Russia, onde a final se estabeleceram duas linhas, uma de oito postos entre S. Petersburgo e Cronstadt em 1834, e outra de 148 postos entre S. Petersburgo e Varsovia em 1838.

A linha telegraphica de Varsovia é a mais extensa da Europa: tem 300 leguas de comprimento. A organização d'ella é inteiramente militar. Cada um dos postos contém um quarto de dormir, uma cozinha, duas cocheiras, uma cava, um pateo espaçoso, um jardim, e um poço, com quatro empregados de serviço.

Vamos agora expor em resumo o mechanismo do telegrapho de Chappe, e os principios em que assenta o seu vocabulario.

O que propriamente se chama telegrapho, ou a parte da machina que fórma os signaes, compõe-se de tres ramos moveis; um ramo principal de quatro metros de comprimento, chamado *regulador*, e dous ramos pequenos do comprimento de um metro chamados *indicadores* ou *azas*. O regulador está fixado pelo meio a um mastro, que se levanta acima do tecto da casinhola, onde está postado o estacionario, ou empregado no serviço do telegrapho. Estes ramos moveis são dispostos em fórma de taboinhas de janella, isto é, compostos d'um quadro estreito, cujo intervallo está cheio de laminas delgadas, inclinadas umas por cima das outras. Esta disposição tem a vantagem de dar ás peças uma grande ligeireza: tambem lhes permite resistir aos ventos, e combater os maus effeitos da luz. Os ramos moveis são pintados de preto, para que destaquem com mais vigor no fundo do céu. O ajuntamento d'estas tres peças fórma um mechanismo unico, levantado no espaço, e sustentado por um só ponto de apoio — a extremidade do mastro, em volta do qual pôde girar livremente. As peças do telegrapho movem-se com o auxilio de cordas de latão. Estas cordas communicam na casinhola com outro telegrapho, que é a reproducção abreviada do telegrapho exterior. Este segundo aparelho é que o empregado manobra: o telegrapho posto por cima do tecto não faz senão repetir os movimentos impressos directamente á machina interior.

O regulador é susceptivel de tomar quatro posições; vertical, horisontal, obliqua da direita á esquerda, e obliqua da esquerda á direita. As azas podem formar com o regulador angulos rectos, agudos, ou obtusos. Estes signaes são claros, faceis de avistar, faceis de escrever; é impossivel confundil-os.

Vamos agora ás convenções e principios, que regulam a formação dos signaes. Os irmãos Chappe decidiram, que nenhum signal se formaria sobre o regulador tanto o posto na situação horisontal, como na perpendicular: os signaes não são válidos, senão quando são formados sobre o regulador collocado obliquamente. Tambem decidiram que nenhum signal teria validade, e não deveria por conseguinte ser escripto e repetido, senão quando, sendo formado sobre uma

das obliquas, o transportassem assim formado ou á horizontal ou á vertical. Assim o vigia, que vê formar o signal nota-o para se preparar a repetil-o, mas não o escreve: apenas o vê dirigir á horizontal, ou á vertical, fica certo que o signal é bom, repete-o então, e nota-o. Chama-se a esta operação, *certificar* um signal. Este modo de operar tem por fim marcar bem ao empregado de serviço qual é, no meio de todos os movimentos successivos das peças do telegrapho, o signal definitivo, a que elle deve attender para reproduzil-o.

As diversas posições, que podem tomar o regulador e as azas, dão 49 signaes differentes; mas cada signal póde adquirir um valor duplicado, segundo for transportado á horizontal ou á vertical: assim 49 signaes podem receber 98 significações, partindo da obliqua da direita, para serem affixados horizontal ou verticalmente. Applicando a mesma regra á obliqua da esquerda, temos ao todo 196 signaes. Os irmãos Chappe assentaram que ametade d'estes 196 signaes seria destinada ao serviço dos despachos, e a outra ametade á policia da linha, isto é, aos avisos e indicações a dar aos empregados telegraphicos. Os 98 signaes formados sobre a obliqua da direita servem para a composição dos despachos; os 98 signaes formados sobre a obliqua da esquerda para o regulamento da linha.

Como é que estes differentes signaes podem transmitir a expressão do pensamento? Os irmãos Chappe destinaram 92 dos signaes da obliqua da direita para representar a serie dos 92 numeros, desde 1 até 92; depois compozeram um vocabulario de 92 paginas, cada pagina do qual contém 92 palavras. Ajustou-se que o primeiro signal dado pelo telegrapho indicará a pagina do vocabulario, e que o segundo signal indicará o numero contido n'essa pagina, que corresponde á palavra do despacho. D'esta sorte póde-se, por meio de dous signaes, exprimir 8:464 palavras. Este é o *vocabulario das palavras*.

Comtudo 8:464 palavras seriam insufficientes para traduzir todos os pensamentos, e responder aos casos imprevistos. Por outro lado ha idéas, que devem repetir-se frequentemente no curso da correspondencia. Compoz-se pois um segundo vocabulario, que se chama *vocabulario das phrases*. É formado, como o precedente, de 92 paginas contendo cada uma 97 phrases, ou membros de phrases, o que produz 8:464 idéas. Estas phrases applicam-se particularmente á marinha e ao exercito. Bem entendido que para se servir d'este vocabulario deve o telegrapho dar tres signaes: o primeiro para indicar que se trata do vocabulario das phrases; o segundo para indicar a pagina do vocabulario; e o terceiro para o numero d'essa pagina. Creou-se, enfim, assentando nos mesmos principios, um outro vocabulario, chamado *geographico*, que contém a designação dos logares.

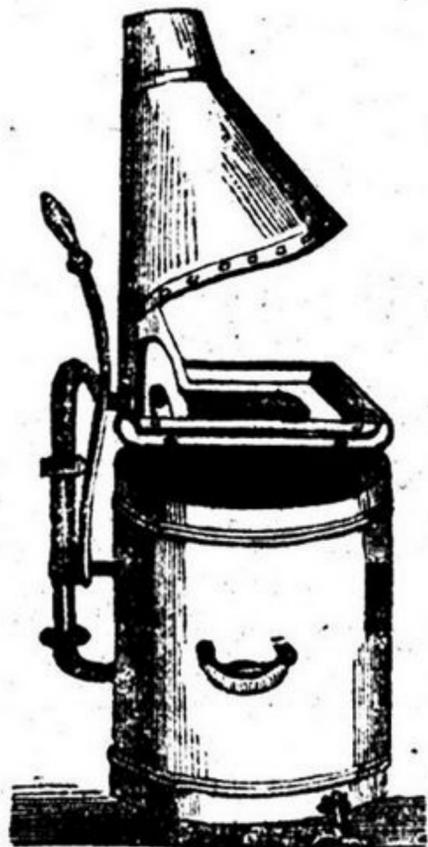
Desde 1830 ampliaram-se muito e refundiram-se em um só os tres vocabularios de Chappe. As phrases e as palavras dispozeram-se n'uma ordem mais simples, que facilita consideravelmente a composição e traducção dos despachos. E para desconcertar observações indiscretas tem a administração o cuidado de mudar amiudo a chave do vocabulario.

Quanto aos 192 signaes, destinados simplesmente á policia da linha, e que são conhecidos de todos os empregados do telegrapho, exprimem elles os avisos, que transmite a administração, a urgencia, o fim, o destino do despacho, os suetos de hora e meia hora, o erro commettido n'um signal, a ausencia d'um empregado, n'uma palavra, todos os casos previstos des-

de a ausencia ou demora do empregado até á destruição do telegrapho por vento ou raio. Os avisos d'esta natureza percorrem a linha com a rapidez do relampago, e a administração é informada n'um abrir e fechar de olhos do obstaculo, que encontrou o despacho, e do logar preciso onde parou.

(Continúa.)

O. M.



FORJA PORTATIL.

Ha uma multidão de pequenas machinas e appa- relhos, que entre nós são quasi só conhecidos pelo nome, ou pelos artigos dos jornaes, e todavia não são dignos de tamanha desattenção, porque poderiam aqui ser tão prestadíos como a experiencia illustrada tem provado que o são lá fóra.

A forja-portatil do fabricante francez Maigne está destinada a prestar utilissimos serviços nas grandes propriedades ruraes, e nas pequenas povoações isoladas dos centros da industria, podendo, por meio d'ella, proceder-se a uma infinidade de reparos nos instrumentos aratorios e de trabalho, poupando assim maiores despezas, e economisando o tempo, que é um capital valiosissimo.

É a forja-portatil de mui simples construcção e tão simples, que a simples inspecção da gravura basta para comprehender todo o seu mechanismo; cumprindo declarar que é toda de ferro, guarnecido de couro na parte superior e inferior; todas as peças de ferragem são mui faceis, assim de construir, como de concertar, o que constitue ainda outra vantagem preciosa. O custo da forja-portatel completa calcula-se em 10 a 12\$000 réis.

BIBLIOGRAPHIA.

HERANÇA DO CHANCELLER, COMEDIA EM 3 ACTOS,
PELO SR. MENDES LEAL JUNIOR.

Acha-se á venda esta primorosa producção do illustre auctor dos *Homens de Marmore*, no theatro de D. Maria II, na livraria do editor rua Aurea. n.º 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8. Nas provincias, ultramar e estrangeiro poderá procurar-se em casa dos correspondentes do Panorama. Preço 400 réis.